



INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS E INTERNACIONAIS

**AS RELAÇÕES PORTUGAL/ ESTADOS UNIDOS
APÓS O ALARGAMENTO DAS COMUNIDADES**

Sesimbra, 29-31 de Janeiro de 1989

**AS RELAÇÕES ECONÓMICAS DA CEE
COM OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**

MONTEIRO DA SILVA

Há mais de dois séculos que nós, cidadãos da Europa Ocidental e dos Estados Unidos da América, temos vindo a manter um vasto e complexo relacionamento comum com base num quadro muito similar de valores e de interesses gerais. De facto, possuímos governos democráticos, garantimos de há muito, a existência e o exercício das liberdades individuais. Somos agarrados à nossa independência. Temos em comum economias baseadas nos princípios da livre iniciativa, da propriedade privada e do mercado livre, valores que têm dominado o nosso progresso económico durante todo este século.

A Europa e os Estados Unidos partilham entre si séculos de pensamento, de culturas e de ideais que estão na base dos nossos valores comuns. Embora diverjamos algumas vezes sobre determinados aspectos de natureza política e económica e ainda em aspectos de segurança ou de defesa, pensamos que tal é perfeitamente normal entre estados soberanos. Na verdade, as nossas aspirações colectivas têm-se compatibilizado ao longo do tempo e temos vindo a beneficiar em comum de acordos de segurança e de defesa para além dos acordos e dos compromissos que têm assinalado as nossas relações económicas.

De facto, os Estados Unidos e a Europa formam os maiores grupos económicos e comerciais existentes à escala mundial representando dois terços do Produto Mundial Bruto e cinquenta por cento do comércio mundial.

Contando com o Japão, este conjunto de países está na vanguarda da evolução tecnológica, a qual está na origem de uma revolução que é essencial para assegurar o nosso progresso económico e social.

No seio do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional e da OCDE, a Europa e os Estados Unidos da América cooperam estreitamente sobre uma enorme diversidade de questões como sejam a de uma política de entendimento a nível macro-económico, nomeadamente sobre os meios para atingir um maior crescimento económico, sobre as ajudas ao terceiro mundo, sobre os problemas do endividamento externo, da segurança internacional, e ainda ao nível das questões energéticas, das políticas sobre questões energéticas, das políticas sobre a manutenção do meio ambiente, e de uma forma geral sobre a melhoria do funcionamento do sistema monetário e financeiro.

A cooperação entre os Estados Unidos da América e a Europa é essencial para o funcionamento do sistema económico mundial e conseqüentemente reflecte-se em todo

o mundo, perante a crescente interdependência das economias da generalidade dos países do mundo.

Importa reflectir sobre a importância dessas relações. De facto, a comunidade económica europeia possui investimentos em termos absolutos mais importantes nos Estados Unidos, que os Estados Unidos possuem na Europa. Por exemplo, os investimentos directos da Comunidade Europeia nos Estados Unidos representavam em 1984 95, 1 mil milhões de dólares sobre um total de investimento estrangeiro nesse país de 160 mil milhões de dólares. Enquanto isso os investimentos dos Estados dos Unidos na Europa Comunitária representam no mesmo período 81,5 mil milhões de dólares, sobre um total de 233 mil milhões de dólares de investimentos externos na Comunidade. No entanto, e em termos globais a CEE e os Estados Unidos têm um enorme peso nas organizações multilaterais de natureza económica. Basta analisar o papel relevante que têm ambos desempenhado no GATT. Em conjunto os EUA e a CEE representam à volta de 50% das participações no Fundo Monetário Internacional e no BIRD. Por outro lado o dólar, o marco Alemão, a libra e o Franco Francês representam mais de 80% das moedas detidas pelos bancos centrais. Podemos referir ainda que a CEE e os EUA produzem 35% da produção mundial de Aço, 55% da produção mundial de automóveis, 70% da produção mundial de Aviões.

Mas a Europa e os Estados Unidos são também concorrentes em múltiplas e inúmeras áreas de actividade, quer seja na construção aeronáutica, na indústria automobilística, em máquinas e equipamentos, para já não falar na área agrícola onde são concorrentes entre si e nas restantes áreas económicas do globo.

Devemos ainda referir que ambos sofrem a concorrência do Japão (com excepção da área agrícola) e de forma ainda ténua mas crescente da concorrência dos novos países industrializados (Brasil, Coreia, Taiwan, etc.)

Embora quer os Estados Unidos quer a Europa apresentem sistemas económicos análogos e convergentes, e se reclamem claramente de um sistema de economia de mercado com características liberais, este liberalismo, no sentido económico é muitas vezes "controlado":

– Na Europa, por uma grande sensibilidade para a resolução de problemas de natureza social e para os problemas das sociedades e países do III mundo (são as grandes

questões do desenvolvimento, do endividamento externo, do destino dos fluxos financeiros).

– Nos Estados Unidos, por uma certa tradição proteccionista, com base na qual se construiu a economia americana do séc. XIX e reclamada nos momentos mais críticos da sua história económica, como nos anos trinta deste século.

Desde o final da 2ª guerra mundial os Estados Unidos adoptaram no plano internacional uma atitude de luta contra o proteccionismo. Esta atitude tem-se tornado mais agressiva desde a Administração Reagan e nomeadamente no seu último mandato.

Mas os resultados dessa política liberal clássica seguida pela América de Reagan teve por consequência, ao lado dos resultados positivos para a inflação e o emprego na conjuntura daquela época, de taxas de juro elevadas, de sobrevalorização do dólar (até finais de 85), e acima de tudo, um défice comercial sem precedentes (\$ 148 mil milhões de dólares em 1985), que tem até hoje constituído uma grande dor de cabeça para os condutores da política económica americana.

Mas nem tudo são "rosas", para usar uma expressão popular portuguesa, entre a Europa e os Estados Unidos da América. Uma grande parte das dificuldades comerciais está ligada à agricultura, ponto de encontro de questões económicas, políticas, sociais e até naturais, que estão de tal modo interpenetradas umas nas outras e que não podem estar unicamente baseadas no funcionamento das forças do mercado. Dos dois lados do Atlântico foram postas em prática políticas que conduziram a sobreproduções tendo em conta a capacidade dos seus próprios mercados.

Ambos tentam escoar essa sobreprodução através do sistema dumping no mercado internacional. No entanto essa política torna-se cada vez mais menos viável na época da chamada "Resolução Verde" com a generalidade das outras partes do globo a caminhar para um sistema de auto suficiência.

Não devemos esquecer que a problemática dessa questão da comercialização está intimamente ligada às questões monetárias. Como tem sublinhado a CEE, o comércio não se pode desenvolver no meio de uma instabilidade monetária permanente. E a situação monetária americana permanecerá ainda certamente ligada à necessidade que os Americanos têm de manipular a política monetária a fim de compensar os enormes défices estruturais do orçamento e da balança de pagamentos americana.

Por outro lado, a crise orçamental americana é verdadeiramente uma crise geopolítica. As obrigações militares dos Estados Unidos, ultrapassam claramente as possibilidades do seu sistema político e económico. A fim de prolongar o seu papel geopolítico os Estados Unidos têm vindo a utilizar a moeda americana. Num certo sentido os Estados Unidos utilizam a sua posição dominante no interior do sistema internacional a fim de colectar indirectamente a economia mundial pelos serviços militares que nem os Americanos nem os Aliados estão dispostos a apagar directamente. No entanto, perante a instabilidade do sistema monetário e financeiro mundial, a tendência para o proteccionismo e para a recessão prolongada do último decénio, este método de financiamento não parece ser o ideal.

Mas voltemos à situação do comércio internacional. De facto, a CEE e os Estados Unidos partilham não só vantagens consideráveis como também grandes responsabilidades. O comércio bilateral anda à volta (valores de 85) de 115 mil milhões de dólares ano. Em conjunto, as vendas das empresas americanas e europeias nos seus mercados respectivos rondam 700 mil milhões de dólares ano. São 25% do comércio mundial e 40% do PNB mundial (trocas entre países da CEE excluídos).

São estatísticas impressionantes que demonstram as nossas ligações estreitas.

No entanto, existem problemas consideráveis e diferendos comerciais desde a fundação da comunidade europeia, em geral sobredimensionados pela Imprensa, o que dá por vezes ao cidadão comum uma imagem de más relações comerciais, que não traduzem de modo algum a verdade das coisas.

No entanto, nos últimos tempos, tem havido de facto alguma deterioração nessas relações. Uma das modificações fundamentais reside no facto de que o equilíbrio dos interesses económicos e políticos se tem vindo gradualmente a modificar. No passado, os Estados Unidos, na posse de um superavit considerável e quase continuo na balança comercial com a Comunidade aceitaram algumas medidas económicas, tendo em vista manter a importância de uma unidade política europeia e de uma integração económica palpável.

No entanto os Estados Unidos não podiam mais suportar estas medidas devido ao déficite crescente no comércio com a Comunidade Europeia. Esta atitude foi reforçada tendo em vista o déficite global de quase 150 mil milhões de dólares observado em 1985 e as perspectivas ainda mais desfavoráveis dos anos seguintes.

A mudança de atitude por parte dos Estados Unidos explica-se por uma reviravolta dramática no comércio bilateral. Desde a fundação da Comunidade Europeia em 1957 e até 1982, os Estados Unidos obtiveram um superavit contínuo nas relações bilaterais. Esta tendência foi interrompida em 1983, quando o déficit bilateral atingiu um nível recorde de 2,3 mil milhões de dólares. Em 1985 o déficit encontrava-se em mais de 23 mil milhões de dólares.

A segunda mudança fundamental teve lugar na Europa. Ainda que a formação da Comunidade tenha contribuído para o crescimento económico da Europa, a crise petrolífera de 1973 e a recessão económica global do princípio dos anos 80 deixaram traços e marcas que ainda hoje são perceptíveis.

Fruto de todos esses acontecimentos, verificou-se um crescimento débil e uma taxa de desemprego elevada. A taxa de desemprego média da Comunidade estava em 85 acima dos 11%. Estudos recentes revelaram que sem um crescimento real do PIB na ordem dos 3%, se torna difícil manter o crescimento económico na Europa e a estabilização do emprego. Para o ano em referência, 1985, o crescimento real do PIB, não foi além do 2,2%.

Embora o sistema comercial da CEE seja, de um modo geral aberto, os sectores chave continuam protegidos. Na CEE são utilizadas subvenções, quotas e direitos alfandegários elevados para assegurar a viabilidade de determinadas indústrias como sejam a indústria do Aço, das Telecomunicações, da Indústria Aeronáutica, dos equipamentos eléctricos, bem como é geralmente mais conhecido, na área agrícola. É evidente que esta política não só limita o acesso dos exportadores americanos ao mercado europeu, como também a concorrência europeia subvencionada tem um efeito negativo sobre as exportações americanas no Terceiro Mundo.

Como já dissemos esta tendência proteccionista é mais evidente sobre o plano agrícola. A comunidade, por razões da mais variada natureza política de alguns estados membros, só com muita lentidão tem vindo a reconhecer a necessidade de reformar a sua política agrícola que nos anos 60, estimulou de facto a criação de estados de auto-suficiência alimentar para uma enorme variedade de produtos agrícolas, e assegurou uma ajuda substancial aos rendimentos dos agricultores. Mas, a verdade é que na situação actual a Comunidade se desembaraça anualmente do seu gigantesco superavit agrícola, no mercado mundial através de subvenções à exportação. Mas, como é evidente, também os Estados Unidos intervêm fortemente para proteger o

rendimento dos seus agricultores. Na Europa, o sistema baseia-se na garantia dos preços dos produtos; nos Estados Unidos da América o sistema baseia-se na atribuição de prémios (deficiency payments). Aliás, feitas as contas, as despesas são comparáveis de ambos os lados do Atlântico (em 1986, foram 19 mil milhões de dólares para a CEE e 25 mil milhões para os EUA, embora os EUA possuam uma população agrícola sensivelmente inferior à da CEE).

É de referir ainda, por exemplo, o sistema de subvenções (em natureza) à exportação de produtos agrícolas (cereais, arroz, produtos lácteos, algodão, oleaginosas, etc.) a que chamam "Export Enhancement Program" com vista a reaver os mercados do Médio Oriente e do Sul do Mediterrâneo.

Mas, voltando um pouco atrás, ao breve historial que vínhamos realizando das relações económicas entre a CEE e os EUA, é evidente que o resultado dessas mudanças fundamentais se traduziu no aumento do número e da frequência de conflitos entre os EUA e a Europa. Os responsáveis de ambos os blocos económicos, concentrados cada vez mais sobre os seus próprios problemas, tornam-se, na defesa dos seus interesses, um pouco insensíveis às consequências que muitas vezes advêm das suas políticas.

Vamos sumarizar aqui rapidamente alguns dos conflitos que têm marcado as relações económicas bilaterais:

– Frutos em conserva - Em 1984, uma comissão no seio do GATT decidiu que as subvenções da Comunidade Europeia constituíam uma infracção aos Acordos Comerciais. Os Estados Unidos da América manifestaram a sua preocupação pela perda do mercado Europeu.

– Alargamento comunitário a 12 - A aplicação da política agrícola comum a Espanha e a Portugal criou aos EUA uma progressiva perda na venda de milho e sorgo, produtos regulamentados pelo GATT.

– Citrinos versus Pastas - Com a preferência comunitária para os países mediterrâneos, no caso dos citrinos houve reacção americana com aumento de direitos alfandegários sobre as pastas alimentícias.

– Subvenções à exportação - Segundo os americanos, o estabelecimento de produtos subvencionados para exportação na área agrícola originou uma produção excessiva, e provocou a exclusão de países terceiros dos mercados europeus embora, segundo os EUA, os produtos estrangeiros sejam mais eficazes e competitivos. Ainda segundo

aqueles, por outro lado, é cada vez mais difícil o acesso à CEE, pelos países que intervêm nos mercados mundiais, utilizando as restrições às exportações, como nova forma de subvenções.

Como já vimos também os EUA acabam, por uma outra forma, de alcançar os mesmos objectivos.

– Produtos Industriais - O Aço foi um dos produtos importantes nas discussões a nível industrial entre a CEE e os EUA, com base nas críticas deste país sobre a existência de preços subvencionados nos produtos exportados pela CEE para os EUA.

– Dossier "Hormonas" - Como é do conhecimento geral foi um contencioso aberto há relativamente pouco tempo, e tem a ver com restrições à circulação de carnes de animais alimentados com base em hormonas.

Perante a magnitude e a complexidade das relações económicas bilaterais, não nos parecem de excepcional relevo os dossiers existentes em contencioso. Mais do que a manifestação de divergências, tal facto demonstra quanto a nós que a procura de soluções de compromisso nem sempre é fácil, mas nem por isso impossível. A discussão e o encontro dessas soluções irá evoluindo quer na Agricultura, quer nos produtos Industriais, quer nos serviços, quer nos Investimentos ligados ao comércio, quer nos direitos de propriedade intelectual, quer finalmente no seio do GATT, através do reforço do sistema e da melhoria dos procedimentos em caso de manifesto litígio.

Vou concluir. Uma vez que os parceiros dos dois lados do Atlântico vivem em regime de democracia parlamentar, nada de durável nem de profundo se poderá desenvolver sem o apoio e a vontade dos respectivos povos, ou seja, sem se criar um verdadeiro espírito de entendimento e de diálogo sério entre os dois continentes. Os Açores pela sua posição geográfica podem ser um local privilegiado para a busca continua desse entendimento. A outra coisa não poderia uma região como esta, aspirar. É meu desejo que este colóquio e esta iniciativa seja um passo seguro nesse sentido.